



Mônica Menezes acha que sua aprovação servirá para terminar com um tabu

Futura diplomata negra não sofre discriminação

BRASILIA (O GLOBO) — Mônica de Menezes Campos, a primeira negra a cursar o Instituto Rio Branco, aprovada em 26.º lugar, entre os 52 candidatos que passaram no exame, disse, ontem, que há cinco anos uma oficial de chancelaria aconselhou-a a não tentar a carreira diplomática, devido à sua cor, mas ela decidiu não levar a sério a advertência e conseguiu realizar seu desejo.

— Há 15 anos que os diplomatas são escolhidos por concurso. Se fosse no tempo do Barão do Rio Branco, em que a escolha era feita num sarau, entre as pessoas da sociedade, seria justificável.

Na opinião de Mônica, o Itamaraty passará a ser visto como um órgão preocupado em formar uma elite intelectual e sua aprovação terminará com o mito de que negro não pode ser diplomata.

'NUNCA FUI DISCRIMINADA'

Carioca, filha do Tenente Newton Marinho de Campos e de Nilza Menezes de Campos, Mônica diz que nunca se sentiu discriminada e nunca foi posta para fora

de nenhum lugar. Diz que tem amigos de diversos níveis sociais, inclusive filhos de diplomatas, e sempre foi bem recebida por todos:

— Não sei se é sorte, mas comigo nunca aconteceu ser discriminada. Algumas pessoas reclamam de discriminação, sei que existe, mas nunca fui atingida.

Para ela, o problema que mais aflige o negro brasileiro é o complexo, que o leva a desistir de lutar pelos seus objetivos com a idéia antecipada de que não obterá êxito na carreira porque as pessoas o discriminarão. Diz que sempre foi persistente e lutou para conseguir seus ideais.

Sobre a carreira que escolheu, Mônica diz que não sabe se sua passagem pelo Itamaraty servirá para melhorar o problema racial no Brasil:

— Talvez sirva como exemplo para que outros se animem e passem a lutar, como eu fiz. Entretanto, o diplomata está muito ligado a assuntos externos e as oportunidades de se envolver com os problemas do País são poucas. A carreira diplomática exige uma posição apolítica e creio que pouco poderei fazer pelos negros.

Vou convidar Mônica

Atenção, vou convidar Mônica para uma conversa muito íntima depois daquela avalanche de comentários e entrevistas que a moça, a bela morena há poucos anos, não se dizia "negra", principalmente porque a palavra nos soava mal: dizíamos, corinhosamente: moreninha, escurinha - havia até um concurso de escurinhas, mas a palavra **negra**, essa não, isso ficava para outros países de menor educação racial. Mas, então não se seja, pois sua cor não é tão carregada assim que merece até mesmo nos países onde chamar de negro a alguém, não é ofensa, a notícia estourou como uma bomba: a primeira negra entra no Itamaraty, e tome negra daraf, e angie ducaló, como se Mônica não tivesse o direito de entrar da mesma forma pela qual entram outras companheiras entre elas a primeira, menina que a bafeja como se diz, na dianteira de seus colegas masculinos pois venceu galhardamente a difícil competição chegando em primeiro lugar. Bem, parece que Mônica foi bafejada por uma vocação verdadeiramente positiva. Não quis entrar em conflitos de estudantes; não quis saber de aprofundar seu caso como "quebra de tabu" e até foi exatamente sensata quando se voltou contra qualquer espécie de discriminação achando ridículo movimentos ditos raciais, no Rio e sublinhando o quanto detestava

também quando saindo com rapazes brancos, aqueles moços de cor lhe davam as costas como que ofendidos. Perguntada sobre outra espécie de política, ela fez uma ironia semelhante àquela que os políticos agora puseram em voga: - "Meu assunto é diplomacia, isto é, relações internacionais, você sabe?" Bravos, Mônica, você se converteu desde logo numa perfeita diplomata. Não é verdade que até hoje o Itamaraty tenha barrado alguém por motivos de cor. A cronista está bastante ligada ao mundo diplomático para poder asseverar que isto não passa de um sensacionalismo que deve ser prescrito das nossas boas normas de convivência brasileira.

Realmente, o concurso para o Itamaraty é talvez a barreira mais difícil que um jovem pode transpor. Embora esteja sempre entre diplomatas, não foi apenas uma vez que me revoltei com as exigências feitas a jovens, principalmente porque não se trata de concurso direto. Concursos para aprendizes de diplomata como são os feitos pelo Itamaraty para o "Rio Branco" não deveriam constituir-se do rigor com que algumas vezes bem se tem revestido. Quanto às pressões sobre pessoas de cor, também lamento, eu que estou sempre ao lado daqueles que se marginalizam, eu que fiz uma campanha durante sete anos para a

entrada da mulher na Academia e portanto seria vulnerável e teria sensibilidade para combater mais esse tabu ou pseudotabu - posso dizer que muito mais parentes de diplomatas foram afastados deste difícil Instituto Rio Branco do que verdadeiramente quaisquer jovens de cor. E tenho no sangue e na consciência a dor de ter visto um jovem muito querido, por uma fração muito pequena, havendo vaga a preencher, deixar de entrar neste curso de tamanhas exigências. Quanto à marginalização da mulher, não esquecer que durante quinze anos as mulheres não puderam entrar no Itamaraty e só com um mandado de segurança foi posta abaixo esta determinação.

Evidentemente, dentro de alguns anos teremos uma bela safra de Embaixadoras, pois as que hoje estão em nível de Conselheiras, chegarão tanto quanto seus colegas, acredito à culminância da carreira. O Diretor do Instituto Rio Branco em Brasília, Sérgio Bath, mora a cem metros de nossa casa, numa bela residência, recém-terminada. Qualquer dia desses estarei com ele perguntando: - Você me dá o endereço da Mônica? Quero apertar a mão dessa moça e demonstrar a certeza de que um dia, com tamanha serenidade e capacidade de julgamento de problemas difíceis, ela será uma nossa extraordinária diplomata.

PioneirasMINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES
Divisão do Pessoal

Formulário de dados pessoais (artigo III do D.L. 200/67)

Nome (em maiúsculas):

MÔNICA DE MENEZES CAMPOS

Sexo:

FEMININO

Data do nascimento

10/12/57

Naturalidade (Estado):

Rio de Janeiro



Telefone

2428424

Residência atual:

SQS 213 - bl. E - 103

Estado Civil:

SOLTEIRA

Nome do pai:

NEWTON MARINHO DE CAMPOS

Nacionalidade e naturalidade do pai:

Brasileiro, Rio de JANEIRO

Profissão do pai:

MILITAR

Nome da mãe:

NILZA MENEZES CAMPOS

Nacionalidade e naturalidade da mãe:

Bras. RIO DE JANEIRO

Profissão da mãe:

DO LAR

NACIONALIDADE BRASILEIRA - NATIONALITÉ BRÉSILIENNE - BRAZILIAN CITIZEN

Nome / Nom / Name: **MÔNICA DE MENEZES CAMPOS**

Sexo / Sexe / Sex: **FEMININO**

Lugar e data do nascimento / Lieu et date de naissance / Place and date of birth: **RIO DE JANEIRO - 10.12.1957**

Filiação / Noms des parents / Fathers and mothers name: **NEWTON MARINHO DE CAMPOS e**

NILZA DE MENEZES CAMPOS

Repatrição expedidora - Délivré par - Issued by

**SECRETARIA DE ESTADO
DAS RELAÇÕES EXTERIORES
DIVISÃO DE PASSAPORTES**

Válido até - Valable jusqu'à - Valid until

14 / 04 / 1985

Data da expedição - Délivré le - Issued on

15 / 04 / 1981



C. N. de Oliveira Paes
C. N. de Oliveira Paes
Chefe da Divisão de Passaportes
do M. R. E.

Nome e cargo do funcionário que o concedeu
Nom et qualité de l'agent expéditeur
Name and function of the issuing authority





Mônica, char me brasiliense a caminho do Itamarati

Talento de Mônica abala preconceitos do Itamarati. Ela será uma diplomata

Aos 21 anos, Mônica de Menezes Campos, residente em Brasília, conseguiu furar o bloqueio do Itamarati: sendo uma mulher de cor negra, ela obteve classificação no vestibular do Instituto Rio Branco, abalando os últimos preconceitos que porventura ainda insistem em sobreviver nos meios diplomáticos nacionais. "Sempre lutei por isso e afinal consegui", disse ela entusiasmada, contando que no ano passado foi reprovada e teve de estudar muito para não fracassar de novo.

Mônica nasceu no Rio de Janeiro e mora há 15 anos em Brasília, onde estuda Letras na UnB e Direito na UDF. Há cinco anos se classifica em primeiro lugar como bolista da Aliança Francesa, o que não a impede de aprender também alemão e inglês. E além de estudiosa, Mônica é alegre, comunicativa e charmosa.

A vitória da jovem vem fortalecer a política oficial do Instituto Rio Branco, que tem procurado localizar e incentivar negros dispostos a se dedicarem à carreira de diplomata, numa tentativa de quebrar tabus in-compreensivelmente ainda existentes no país.

(Página 11)

Os preconceitos estão chegando ao fim. Primeiro, a Academia Brasileira de Letras com a entrada de Raquel de Queiroz; agora uma "de:er", Mônica, aprovada no vestibular do Instituto Rio Branco, ingressa no Itamarati dizendo que "a época dos mitos de discriminação racial acabou". E faz declaração política, mas se omite nas candidaturas dos generais Figueiredo e Euler Bentes...

al de Brasília

mu

FEDERAL, QUARTA-FEIRA, 02 DE AGOSTO DE 1978

a já prepara a vinda de G



Moreira Mariz

Mônica só pensava em passar no exame e para chegar a isso estudou muito

A diplomata negra nunca

Rio Branco põe

A primeira negra brasileira a ser admitida pelo Instituto Rio Branco no concurso encerrado semana passada, Mônica de Menezes Campos conta que não pensava em abrir caminho para ninguém: «Eu estava querendo só passar, ser aprovada nos exames». E diz que hoje em dia, para ser diplomata, é preciso pertencer a uma elite intelectual, e que um dos fatores que contribuem para dificultar o acesso de negros à carreira é o econômico:

— Os candidatos precisam ter um estudo primoroso desde a infância. Não se pode falar bem línguas com um ano de curso. E é preciso estudar muito, se preparar muito. É preciso comprar muito livro. Para isso, é fundamental o apoio financeiro da família.

Alta, magra, extrovertida, rosto exótico, usando roupas muito coloridas, Mônica já tinha tentado o Rio Branco no ano passado, sem sucesso. Ela diz que nunca sofreu qualquer tipo de discriminação, e mostra-se muito mais entusiasmada com o movimento feminista que com o movimento racista, citando que na sua turma passaram 16 mulheres e que em primeiro lugar ficou Leonilda. Mônica ficou colocada em 26º numa turma de 52 alunos.

ESCOLHA

A carreira diplomática passou a ser o objetivo de Mônica quando ela entrou para a universidade e precisou optar por uma profissão que combinasse as qualidades que tem a oferecer com as coisas que gosta de fazer. Como gosta de estudar línguas e de quase todas as matérias de Humanidades, e lê muito política internacional pela imprensa, achou que a diplomacia poderia ser sua meta.

Cautelosa, tece elogios à atuação do ministro Azeredo da Silveira, e ela diz que quando fala em Itamaraty não pensa em ambições pessoais: «Eu quero trabalhar onde eu for necessária», zelando pelos interesses do país e do povo brasileiro junto a outras nações». E, para isso, Mônica está disposta até a não constituir família, se for necessário:

— Eu acho que casar e ter filhos, para uma mulher diplomata, é coisa a pensar muito. Pode significar abandono de carreira, e eu não tenho a menor intenção de abandonar a minha carreira. O país investe muito em cada candidato para que ele depois se dedique à vida doméstica. Nos cursos que fazia, ouvia minhas colegas dizendo que estavam loucas para casar e parar de estudar. Eu ficava com os «ouvidos feridos» ao ouvir essas coisas.

Atualmente, Mônica que tem 20 anos, está assustada com o interesse da imprensa no seu caso. O telefone, ontem, não parava de tocar, pedindo

entrevistas, e para completar, colocaram por engano o número de seu telefone num anúncio que dizia: «Seu Manoel vende um Corcel», e a toda hora ligava um comprador.

A COR

Ela diz que não sabia ser a primeira negra a entrar no Rio Branco, e que nunca, em toda a sua vida, enfrentou problemas de discriminação: «Sempre trabalhei no que quis e fiz o que quis e fui muito bem recebida». Estranhou terem colocado nos jornais que ela era uma negra e resume assim sua posição com relação ao racismo:

— Pessoalmente, eu acho que não deve haver separação em blocos. A sociedade brasileira é nitidamente mestiça, e se você olhar para um «brasileiro branco ou para um brasileiro preto, entre aspas, vai ver que ele é mestiço. Ao passo que entre um europeu ou um africano, as características raciais são muito nítidas, muito diferentes.

— Agora, se a pessoa tem complexo da cor, então ela vai ter que superar seus problemas, sejam eles de cor, religiosos ou econômicos. Se uma pessoa não tem condições de superar seus próprios problemas, não vai poder carregar um pacote na rua, porque vão chamá-la de empregada doméstica.

No exame do Rio Branco, mostrou-se mais entusiasmada com o sucesso das candidatas mulheres — sua turma tem 16 representantes do sexo feminino — mas diz que não é feminista: «O feminismo é uma forma radical de pensar na situação da mulher dentro da sociedade».

— Até agora, as profissões mais procuradas pela mulher — secretariado, assistência social — mereciam salários dependentes, que proporcionavam vida simples, sem responsabilidade de uma família. Há mais dificuldades para a mulher trabalhar que para o homem, mas isso vem mudando desde 1932, quando as mulheres começaram a votar.

Mônica de Menezes Campos é carioca de Botafogo, nascida na maternidade Clara Basbaum. Fez seus estudos no Colégio Pedro II até a época em que seu pai, o primeiro-tenente Milton Marinho de Campos, foi transferido para Brasília, há seis anos atrás. Ele atualmente serve no QG do Exército, e a família, que conta ainda com dois irmãos menores de Mônica, reside na Asa Norte, num apartamento funcional.

Aqui em Brasília continuou seus estudos no Colégio da quadra e depois foi para o Objetivo, em preparação para o vestibular da UnB. Mônica já concluiu o 2º ano de Letras, e desde que se decidiu pela carreira diplomática, vinha dividindo o seu tempo entre a faculdade e os cursos de língua francesa e inglesa, que tomavam a tarde inteira.

Para o diretor do Instituto Rio Branco, ministro Sérgio Fernando Bath, a chegada de uma representante negra na carreira diplomática «estava dentro do previsível». Ele atribui ao fator econômico a ausência até hoje de negros no Itamaraty, quadro que está mudando devido ao desenvolvimento para uma abertura regional e social do sistema de concursos: «O problema é muito mais sócio-econômico do que ético».

O que acontece é que a clientela do exame Rio Branco é a população universitária, onde proporcionalmente a presença de negros é pequena. E os que chegam à universidade, por problemas financeiros pessoais, geralmente, procuram uma carreira onde os lucros sejam mais imediatos.

Criado há mais de 30 anos, o Instituto Rio Branco passou a adotar, de 15 anos para cá, medidas que contrabalançassem a distorção da carreira diplomática, reservada a uma elite. Hoje em dia, os concursos são realizados em várias capitais. Se aprovado na primeira fase, o candidato é trazido a Brasília, onde receberá uma bolsa, que pode chegar a 7 mil cruzeiros, e apartamento funcional, até concluir os estudos.

Para Sérgio Bath, isso faz com que «o acesso à carreira seja absolutamente democrático». Quanto à cor, ele diz que a nossa sociedade é multi-racial, e que já existem muitos diplomatas mestiços na carreira. Ele lembra que dentro do Rio Branco, existem vários alunos negros, que são os bolsistas de Costa do Marfim, Gana, Zâmbia e Quênia, sendo que dois deles já se formaram e voltaram à África.

Ele não acredita que Mônica vá encontrar dificuldades na sua turma, e que o fato de um diplomata ser negro não o limita a trabalhar em países negros, como foi o caso do embaixador Raimundo de Souza Dantas, nomeado pelo então presidente Jânio Quadros para a Embaixada de Gana: «Na sociedade brasileira, o negro é tão representativo quanto o nissei ou o branco».

O primeiro representante de outra etnia a ingressar no Itamaraty foi Edmundo, um nissei que se sobressaiu desde cedo pela inteligência e arguidade no trato das questões diplomáticas, aliando-se elogiável cultura. Ele, é, atualmente, terceiro secretário da Divisão da Ásia e Oceânia do Itamaraty, onde cuida especificamente dos assuntos relacionados com a China. Há dois anos, Edmundo está na Divisão, e faz questão de ressaltar o seu interesse pelo tema que trata.

Menos preocupado com a cor dos diplomatas brasileiros, o Instituto Rio Branco prefere manifestar o seu interesse em que ano a ano cresça a procura de jovens para a diplomacia, muito embora se questione as vantagens monetárias da carreira.